

"Sou o único que não precisa pedir votos"

— Como o senhor tem trabalhado nestes últimos dias de campanha? Onde tem atacado?

— Mais intensamente buscando o contato com o povo em toda parte: Taguatinga, Planaltina, Ceilândia, Gama, Plano Piloto...

— O senhor acha que continua crescendo nas pesquisas?

— E muito! Cada vez mais...

— A sua assessoria faz um trabalho de pesquisa que lhe dê essa certeza?

— Não. Qualquer pessoa que for comigo vê como é que é. Eu sou o único candidato — acredito eu — que não pede voto. Já viu alguém numa campanha política deixar de pedir voto?

— E por quê o senhor não pede?

— Porque quando eu vou conversar com as pessoas, as pessoas já vêm dizendo que vão votar em mim. Isto é um sintoma muito importante. É uma característica da simpatia que o povo me dedica.

— Lindberg Cury, seu companheiro de chapa, está tentando crescer. Isso não preocupa o senhor?

— Eu acho que todo candidato tem que fazer isso: tentar crescer. Acho que, no que diz respeito ao trabalho, ele está certo.

— Mas o senhor não se sente nem um pouco ameaçado?

— Absolutamente, não.

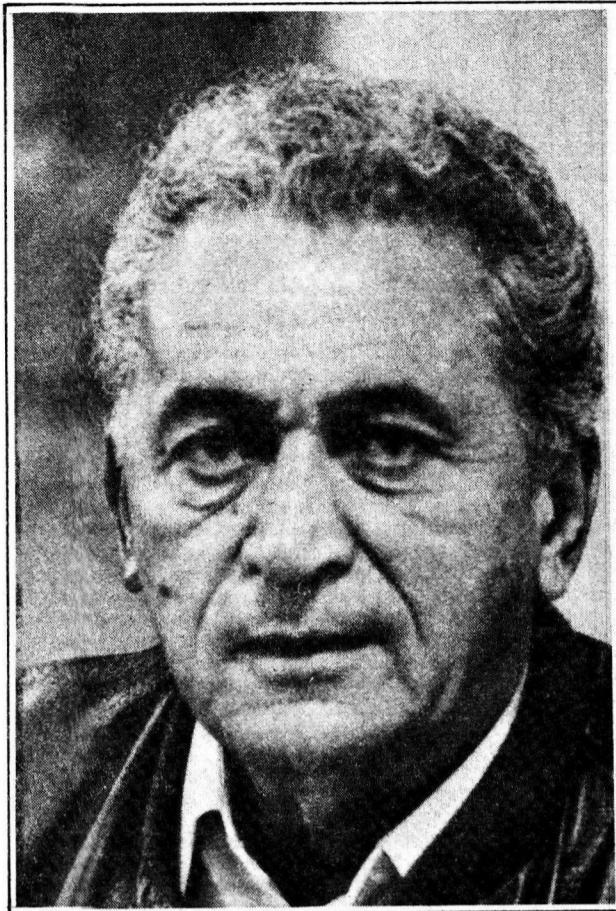
— E le nã o v a i ultrapassá-lo?

— Isso eu não posso afirmar. Eu estou trabalhando, estou dando tudo de mim para participar dignamente da eleição de Brasília.

— Há uma dança de candidatos a deputados, alguns apoiando o senhor e outros apoiando Lindberg. Uns mudam de partido, mudam de lado, mas de qualquer forma o senhor continua em vantagem.

— Mudar de lado é problema de cada um.

— Quer dizer que isso existe?



“Ganhando Meira, perde o poder econômico e ganha a comunidade. Minha campanha está sendo feita na base do sacrifício, ao contrário de outros candidatos, notadamente os empresários, que são feitas até com abuso do poder econômico. Tenho o melhor relacionamento com Lindberg. A atmosfera criada é própria da campanha”

— Acredito que sim. Pode ser uma insegurança, um certo receio. Mas acho que também é um direito de cada um escolher aquilo que mais lhe convém.

— Quantos candidatos à Câmara estão apoiando o senhor?

— Eu tenho o apoio da Márcia, do Sigmaringa e do Campanella. Estão sempre andando comigo, visitando, participando das caminhadas.

— São apenas esses três que lhe têm apoiado?

— Por enquanto, mais ativamente, apenas esses três.

— O senhor acha que é um representante do PMDB?

— Acho que sim, porque

o PMDB é um partido que está crescendo muito. Em cada mão que aperto, sinto que o PMDB tem alma de povo. Tanto que quando eu entrei para o PMDB as pessoas começaram a me chamar de inteligente.

— Certa vez, o senhor disse que vários partidos lhe procuraram para se candidatar por eles. Quais foram?

— O PDT, o PDC e finalmente o PMDB.

— O senhor foi para o PMDB simplesmente porque era o partido que tinha mais chances de vitória?

— Evidentemente. Um partido maior oferece maiores possibilidades de se chegar lá.

— Ideologicamente, co-

mo é que o senhor...

— Ideologicamente, eu vejo o PMDB com um projeto político e social muito bom. Atende às nossas necessidades. E depois, pensando bem, o PMDB teve a coragem de abrir aquilo que estava fechado. Abriu as portas, lutou.

— Mas o senhor nunca havia militado no PMDB.

— Eu nunca havia militado em partido algum.

— O senhor disse que essa dança de deputados entre a sua candidatura e a de Lindberg é uma coisa natural. E como é o relacionamento de vocês dois?

— Eu tenho o melhor relacionamento com ele. Há uma atmosfera criada, mas eu acho que isto talvez

seja da própria campanha.

— Atmosfera criada por quem?

— Por quem se interessa por esse tipo de campanha. Eu acho que a campanha deve ser mantida no nível de Capital da República e no nível de possíveis constituintes.

— Uma coisa da qual ele é muito acusado é de abuso do poder econômico. Isto não lhe assusta?

— A influência do poder econômico é um fato por demais sabido. Mas eu tenho falado ao povo nas oportunidades que encontro que o voto é a mais legítima manifestação da dignidade humana. Que voto não se compra, não se vende e nem se troca. E isto é que eu tenho dito ao povo constantemente.

— O senhor acha que esse discurso convence?

— Eu acho que isso é muito bom que se diga, porque uma democracia de voto comprado é uma democracia podre.

— Dizem também que sua campanha é financiada por empresas de ônibus de transportes coletivos de Brasília.

— Isso quem possa proibir. Não há quem possa proibir. Não há verdade nisso. Eu não posso proibir as pessoas de inventarem coisas a meu respeito.

— Quem sustenta a sua campanha hoje?

— A minha campanha quem sustenta sou eu, os meus amigos e alguns trocados. Eu estou me arrastando.

— Quanto já gastou?

— Eu nem gostaria de falar nisso, mas, na verdade, gastamos um milhão cento e pouco.

— Outra coisa que se tem falado da sua campanha é quanto ao seu programa, que o senhor utilizaria o programa no rádio.

— Isso quem julga é o TRE, não sou eu. Mas eu nunca usei o meu programa politicamente. Obedeço as leis estipuladas pelo TRE, tanto é que qualquer pessoa que liga para mim, eu sempre chamo a atenção da pessoa para que não se esqueça do que estabelece a lei eleitoral com relação a programa de rádio. Elas são bastante inteligentes. Conversam comigo e o assunto não entra no ar. Tenho respeito pelo TRE.

— Como é que recebeu as denúncias — se é que se pode chamar de denúncias — dos sindicatos de que é um homem de direita, que sempre foi contra os movimentos grevistas, os movimentos de reivindicação salarial?

— Eu nunca fui contra a greve alguma.

— Nunca foi?

— Nunca fui. Absolutamente.

— O senhor desmente, então, as acusações?

— Completamente. Sempre coloquei o microfone à disposição de todos os segmentos envolvidos numa greve.

— Como é que o senhor se define politicamente?

— Politicamente eu me defino da seguinte maneira: trabalhar. Meu caminho é o democrático e minha ideologia é o Brasil. Eu sou brasileiro e acho que nós temos que trabalhar em cima de soluções brasileiras para o País e para o nosso povo.

— Para o senhor, que nunca havia militado na política partidária, está sendo doloroso esse processo?

— Não. Está sendo uma experiência nova. A gente aprende muito.

— Segundo as pesquisas, o senhor será mais votado. O que vai levar para a

Constituinte?

— Eu vou levar tudo o que eu possa conseguir de uma boa assessoria.

— A poucos dias das eleições, já deve ter algumas propostas definidas, algo em função das conversas que vem mantendo.

— Eu gostaria de definir primeiro, em benefício da cidade à qual dediquei grande parte de minha vida, um bloco parlamentar suprapartidário para solucionar os problemas da nossa cidade.

— Toda a bancada de Brasília?

— Toda a bancada de Brasília.

— E acha que isso é possível?

— Pelo menos a gente vai tentar.

— Isso vem sendo conversado entre os candidatos potencialmente eleitos?

— Já conversei com alguns colegas. De uns senti boa vontade. De outros, um pouco de dúvida no que diz respeito a esse bloco compacto.

— O senhor já conhece o Congresso Nacional?

— Eu estive lá, como curioso.

— E como candidato?

— Como candidato, não. Certa ocasião visitei o Comitê de Imprensa, visitei os colegas. Procurei, no entanto, saber o que diz respeito a um senador, qual o mecanismo do Senado. Me deram explicações. Achei

que o assessoramento de um senador é muito bom.

Acho que só não vai trabalhar quem não quer, porque apoio os senadores têm.

— O senhor acha que a Constituinte tem que ter todos esses representantes: socialistas, comunistas e de tendências semelhantes?

— Ai não é uma questão de eu achar. É uma questão de unidade dos próprios constituintes. É muito séria a tarefa de todos nós na Constituinte. Nós vamos elaborar as leis que vão reger o País. E não podemos falhar.

— Hoje, praticamente às vésperas das eleições, o senhor se considera um político?

— Não. Ainda tenho muito o que aprender.

— E vai aprender lá na Constituinte?

— Eu sou, como se diz na imprensa quando entra um novato, um foca. Ainda sou foca. Eu acho que é preciso aprender muito. Na minha própria vida profissional eu tenho que aprender diariamente, não osso deixar de ouvir rádio, tenho que estar a par de tudo o que acontece. Veja você: trabalho em rádio, estou numa campanha política e tenho que ouvir rádio. E preciso acompanhar a evolução das coisas, porque se não tudo passa e você fica.